

Breve apontamento para a história política da *Seara Nova* nas décadas de 50 e 60

1* Mário Ruivo
2* Henrique Ruivo

Não tendo sido possível nesta altura elaborar uma contribuição mais aprofundada sobre a acção da *Seara Nova* na luta anti-fascista nas décadas de 1950 e 1960, como modesta contribuição para o 90.º aniversário da *Seara Nova*, pareceu-nos que seria oportuno um breve apontamento com base na memória e no nosso envolvimento sobre uma dimensão menos conhecida.

No âmbito da conferência comemorativa do aniversário da *Seara Nova*, foram feitas referências ao período de renovação da Revista sob a direcção de Câmara Reis. Este, atento à evolução da sociedade portuguesa após a campanha de Humberto Delgado e ao contexto mundial, convidou para a redacção e direcção da *Seara* uma geração mais jovem e politicamente activa: Manuel Sertório para director-adjunto e, para o conselho editorial, Rui Cabeçadas, António Lopes Cardoso, Vasco Martins, Mário Ruivo e Nikias Skapinakis. Para além da participação de seareiros que colaboravam anteriormente na Revista, este núcleo beneficiou do alargamento a elementos provindos de vários sectores anti-fascistas, como Humberto d'Ávila, Carlos Duarte, Rogério Fernandes, Alberto Ferreira, José Hipólito e Henrique Ruivo, entre outros.

Como acentuou António Reis na sessão comemorativa, a *Seara Nova* retomou então “o ideário da sua fundação adaptado aos novos tempos e muito sensível à ideologia marxista”. Embora a Revista tivesse por objectivo principal a difusão cultural e, tanto quanto a censura o permitia, a análise e discussão da situação política, económica e social em Portugal e da situação internacional, a *Seara Nova* constituía também uma plataforma que aglutinava intelectuais de diversos sectores ideológicos empenha-



↳ Mário Ruivo saudando Câmara Reis no seu 70.º aniversário, em nome do Conselho Directivo e da Redacção da *Seara Nova* estando na mesa à direita Câmara Reis, Vasco Martins e Henrique Ruivo.

dos na denúncia do regime e no reforço da luta anti-fascista. A *Seara Nova* era assim uma espécie de “caldeira” em que várias ideias e concepções da sociedade e do futuro se encontravam, convergindo em iniciativas unitárias e formas de intervenção cívica e política em prol da democracia e da liberdade. Ora se aproveitavam as limitadas oportunidades no plano legal, ora se participava em acções clandestinas como foi o envolvimento de numerosos seareiros nas Juntas de Acção Patriótica. Importa, a nosso ver, aprofundar o estudo da contribuição da *Seara Nova*, nesta fase, para o derrube da ditadura.

Nesta perspectiva, haverá que ter em conta, por um lado, o papel do Conselho Editorial e dos seareiros que a ele estavam associados, na modernização da Revista e, por outro lado, a acção discreta do grupo político da *Seara Nova*, mais restrito, orientado para formas de intervenção na esfera política e na mobilização convergente das forças de oposição ao regime. Esta dinâmica foi

fruto da própria heterogeneidade das posições dos participantes. Há que ter igualmente em conta a conjuntura mundial da época, em que se fez sentir a originalidade e impacto da revolução cubana sob a égide de Fidel Castro e Che Guevara, assim como das resoluções das Nações Unidas sobre a questão colonial e o direito dos povos à auto-determinação e à independência.

Em consequência do clima de repressão que se vinha acentuando em Portugal, sobretudo o desencadear da guerra colonial e após a tentativa de assalto ao Quartel de Beja, verificou-se o êxodo de muitos seareiros que procuraram refúgio no Brasil ou em países democráticos da Europa ou no Magrebe (Argélia e Marrocos), reforçando-se a estratégia de desmascaramento do regime salazarista e de mobilização de apoios externos à luta do povo português.

A nossa presença e de outros anti-fascistas portugueses em Itália a partir de 1961 e o acolhimento fraterno e a solidariedade do povo italiano para com

(Continua na página 15)

Breve apontamento para a história política da Seara Nova nas décadas de 50 e 60

seríamos presos, o que não chegou a ser concretizado. Os livros e papéis espalhavam-se por todo o lado, num amontado confuso, pontapeados pelos agentes que por vezes punham de parte alguns livros que foram apreendidos, mas, como verificámos, sem qualquer critério selectivo. Tudo isto constou de uma denúncia que apre-sentámos às autoridades judiciais e que, como prevíamos, não teve qualquer efeito.

Logo compreendemos que este acto de puro vandalismo se enquadrava no endurecimento da repressão do Estado Novo contra o mundo intelectual e a cultura em geral que se manifestou em diversos actos, entre os quais o assalto à Sociedade Portuguesa de Escritores e a prisão dos seus dirigentes por terem atribuído o prémio literário à obra *Luuanda* de Luandino Vieira, então preso no Tarrafal.

Era o violento ataque à cultura por parte de um regime que, desde os princípios da década de 1850, viu fracassar o projecto de unir a opinião pública em torno da defesa do “Império Português”, já então com visíveis sinais de decadência, e enfrentava a falta de solidariedade das potências aliadas a Portugal quando da ocupação pela União Indiana dos enclaves de Dadrá e Nagar-Aveli. Era o obscurantismo mais profundo que se instalava, sentindo o regime a ameaça que significava a cultura, de que era preciso defender-se puxando a pistola, como ameaçara o dirigente nazi-fascista alemão. ■

*Historiador

os povos sujeitos à opressão colonial e as lutas pela liberdade e democracia na Península Ibérica e na Grécia, abriram novas possibilidades de apoio às forças que em Portugal se opunham ao regime de Salazar. Como seareiros, e em estreita ligação com o interior - e por vezes com dificuldade em decodificar as mensagens que nos chegavam do interior - foi possível mobilizar em Itália as estruturas e organizações políticas, sindicais e associações de antigos “partigiani”.

Neste quadro geral, estabeleceram-se contactos com personalidades, revistas, jornais e outros agentes culturais, criando em torno da causa do povo português um forte movimento que conduziu à formação do “Comitato Italiano di Solidarietà con il Popolo Portoghese”.

São de referir as iniciativas da revista *L'Europa Letteraria* e do Comitato Europeo delli Scrittori, que promoveram a participação de escritores portugueses em seminários e debates na Itália e noutros países, contribuindo deste modo para que a censura e outras formas de repressão fossem publicamente expostas, quebrando o isolamento dominante. Queremos prestar homenagem em especial ao jornalista Arrigo Repetto e ao director de *L'Europa Letteraria*, Gian Carlo Vigorelli, particularmente activos na denúncia dos abusos do regime, como no caso do assalto e encerramento da Sociedade Portuguesa de Escritores pela PIDE e pela Legião Portuguesa em 1965. Apesar da vigilância da PIDE nas fronteiras, foi possível organizar visitas a Itália de autores portugueses, sendo de referir a participação de um representante da Seara Nova na mesa-redonda das revistas literárias europeias em Belgrado, que ali declarou: “... a Seara Nova poderá talvez e bem o esperamos estabelecer a ligação entre a vossa cultura e a nossa procurando tornar menor a distância que, dadas as nossas condições específicas, ainda nos separa da grande aventura comum em que estamos todos empenhados”.

No contexto de fraterna solidariedade do povo italiano e das forças demo-



↳ Cartaz do CISPP, desenhado por Henrique Ruivo, e amplamente difundido na Itália e noutros países em actos de solidariedade para com o Povo Português

cráticas, laicas e católicas, e das associações de ex-combatentes da resistência e sindicatos, foi possível a organização da conferência constitutiva da Frente Patriótica de Libertação Nacional nos arredores de Roma em 1962. Desafiando a máquina repressiva do regime, a conferência reuniu um amplo leque de representantes de movimentos e forças políticas do interior e personalidades relevantes da oposição, incluindo seareiros, e de núcleos de antifascistas no exterior. Ulteriormente, a FPLN viria a instalar a sua sede na Argélia, assim como a rádio Voz da Liberdade, processo a que estivemos associados e no qual participaram militantes do grupo político da Seara Nova.

Não cabe aqui aprofundar a história deste período ainda mal conhecido do envolvimento da Seara Nova na luta clandestina contra o regime fascista, merecedor de ser objecto de investigação histórica adequada. ■

1*Antigo membro do Conselho Editorial e do grupo político da Seara Nova

2*Antigo colaborador da Redacção da Seara Nova